

Empréstimo virá no prazo

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — O comitê de bancos credores, que coordena a renegociação brasileira, anunciou ter conseguido o compromisso de bancos comerciais para a concessão de créditos que totalizam mais de 90% dos US\$ 5,2 bilhões do chamado *dinheiro novo*, necessário para que o Brasil fique em dia. O presidente do comitê, William Rhodes, do Citibank, disse que a resposta foi "uma das melhores entre todos os pacotes de dinheiro novo, desde o início da crise da dívida, em agosto de 1982". Ele e o ministro Maílson da Nóbrega asseguraram o cumprimento do calendário de desembolsos do novo empréstimo.

O anúncio parece ter o objetivo de tranquilizar o mercado, devido às versões sobre dificuldades para conseguir apoio, principalmente de bancos europeus, ao pacote brasileiro. Na sexta-feira, o *Wall Street Journal* publicou na primeira página a opinião de banqueiros estrangeiros, que se diziam preocupados ~~com~~ a possibilidade de o Brasil não conseguir adesões suficientes para que o primeiro desembolso do pacote de US\$ 5,2 bilhões fosse feito em outubro.

Segundo nota divulgada ontem pelo comitê em Nova Iorque, tanto Maílson quanto Rhodes disseram que a resposta dos bancos até agora "indica que o pacote está dentro do prazo para ser assinado em setembro, com o primeiro desembolso em outubro". Acrescenta que Rhodes já conseguiu "indicadores iniciais" de que também estão se revelando um sucesso os títulos de saída, ou *exit bonds*, idealizado para atrair os pequenos bancos credores, geralmente os mais arredios.

Rhodes afirmou, segundo a nota, que a

resposta positiva de bancos dispostos a emprestar *dinheiro novo* reflete a confiança da comunidade financeira internacional nas medidas recentemente adotadas pela equipe econômica brasileira. A nota lembra que o Brasil está em dia com o pagamento dos juros de 1988 devidos aos bancos comerciais e conseguiu recentemente renegociar o débito com o Clube de Paris. Recorda ainda a recente aprovação pelo Fundo Monetário Internacional do atual programa econômico.

Esse total de US\$ 5,2 bilhões não contém nenhum tostão a ser enviado para o Brasil. Trata-se de operação quase puramente contábil, pois os bancos desembolsam esse dinheiro mas deixam aqui mesmo no exterior, para que o Brasil pague débitos atrasados. Mas esse dinheiro é importante por evitar que saiam mais divisas do país. Além disso, sua liberação formaliza as pazes com a comunidade financeira internacional e também representa o sinal verde para operações, que significarão ida de divisas para o Brasil.

Se tudo continuar dando certo para o Brasil, os bancos vão liberar, em outubro ou novembro, uma primeira parcela de US\$ 4 bilhões, dos quais mais de US\$ 3 bilhões serão usados para pagar o empréstimo interino de emergência. Mas o Brasil não depende somente da disposição dos bancos para poder lançar essa primeira parcela em sua contabilidade. Os bancos se comprometem, mas o dinheiro só sai sob certas condições. Uma delas é um relatório explicando como está sendo cumprido o programa apresentado ao FMI, numa carta de intenções. Além disso, o Brasil precisará a esta altura já ter recebido do Banco Mundial os US\$ 100 milhões que faltam de uma linha de crédito de US\$ 200 milhões para o setor agrícola.